

CARLOS EDUARDO SOVERAL E O BRASIL: PROLEGÓMENOS PARA UMA ANTROPOLOGIA CULTURAL DA EXPANSÃO PORTUGUESA

José Almeida

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto
(351) 226 077 100 | ifilosofia@letras.up.pt

Resumo: O Brasil representa para Carlos Eduardo Soveral a maior criação nascida do movimento de Expansão e Descobrimientos Portugueses, estando para Portugal, como a Europa está para a antiga Grécia.

Palavras-chave: Carlos Abranches Soveral, Portugal, Brasil.

Abstract: Brazil is for Carlos Eduardo Soveral the greatest creation born of the movement of expansion and Portuguese Discoveries, standing for Portugal, as Europe is to ancient Greece.

Keywords: Carlos Abranches Soveral, Portugal, Brazil.

Falar de Carlos Eduardo de Soveral será, porventura, uma tarefa tão hercúlea como a análise da sua extensa e pluridisciplinar obra. Personalidade injustamente esquecida, por vezes até proscrita dos actuais meios cultos e académicos, deixou uma marca profunda e indelével no seio da cultura lusíada. A densidade do seu legado e respectivo percurso obrigam-nos a condensar nesta abordagem o alcance da sua concepção de Antropologia Cultural da Expansão Portuguesa, circunscrevendo-a à problemática do Brasil, a partir da hermenêutica do texto *Da Lusa Tensão de Amor com a Terra Brasileira*¹, apresentado por este autor no II Colóquio Luso-Brasileiro de História, realizado na Faculdade de Letras de Lourenço Marques, em Julho de 1970.

Com efeito, podemos afirmar que não é de todo inocente a escolha da expressão “prolegómenos” para integrar o título da presente comunicação. Esta palavra que deriva do grego “prolegómena” encerra uma dupla significação, ainda que complementar: introdução circunstanciada, no princípio de uma obra; ou exposição preliminar dos princípios gerais de uma ciência ou arte. Conceito caro a Carlos Eduardo de Soveral, autor do livro *Prolegómenos no âmbito de algumas ciências do homem*, ele coaduna-se com o objectivo deste nosso desiderato, ou seja, homenagear o filósofo e homem de cultura através de uma breve itinerância pela sua obra, introduzindo-a aos que hoje ainda a desconhecem, tanto na forma, como no conteúdo.

Carlos Eduardo de Soveral pertenceu a uma estirpe de homens, hoje rara, que soube viver pela pena e pela espada. Contrariando a actual tendência de projectar o intelectual, o pensador, o homem de cultura como alguém demitido do compromisso com a acção, confortavelmente instalado atrás de uma secretária, a sua vida aproximou-o pelo espírito aos clássicos greco-latinos como Sócrates, Ésquilo, Sófocles, Tucídides, Xenofonte, Júlio César, ou Adriano, bem como de outras figuras também imortalizadas nos anais da História pela combinação do génio com a coragem física e têmpera bélica, dos quais Luís Vaz de Camões, Miguel de Cervantes Saavedra, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de

¹ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos e Duas Notas Lusíadas*. Lisboa: Hugin, Novembro de 2002. Págs. 57-65.

Albuquerque, Gabriele d'Annunzio, Ernst Jungër, Yukio Mishima, Manuel de Resende ou Rodrigo Emílio, constituem alguns dos mais belos exemplos.²

Concebia a humanidade à maneira clássica, vivendo-a, como um drama cujo sentido tendia radicalmente para a acção, o movimento colectivo, o discurso no tempo e a dialéctica temporal.³ O seu pensamento era, portanto, nominalmente coincidente com o seu modo de vida. Apesar do seu papel enquanto pensador e homem de cultura, destacando-se pela prática docente nas Universidades de Salamanca, Barcelona, Santiago de Compostela, bem como nas Faculdades de Letras do Porto e de Lourenço Marques, da qual foi professor-fundador e primeiro Director, ou pelas funções de subsecretário de Estado da Educação Nacional, cargo que desempenhou entre Junho de 1961 e Dezembro de 1962, Carlos Eduardo de Soveral manteve até bastante tarde uma intensa prática desportiva e paramilitar. Cultor de um determinado ideal estético-filosófico consagrado pelo próprio a uma ideia de grande Europa, defendia que, por exemplo, à boa maneira da tradição indo-europeia, um homem europeu apenas poderia ser considerado como tal após aprender a lançar o dardo. O axioma da sua mundividência constituía-se à luz da velha máxima do romano Décimo Júnio Juvenal – «*mens sana in corpore sano*» –, bem como de uma vivência trágica pré-socrática de inspiração nietzschiana. Ao contrário de grande parte dos pensadores da sua linha, Carlos Eduardo de Soveral conseguiu, tal como Eudoro de Sousa, manter um harmonioso equilíbrio entre as duas grandes matrizes da civilização ocidental – a pagã e a cristã. Esta última, tradição à qual ficaria sempre ligado.

No seu conjunto, estes factores marcaram a natureza do seu pensamento e leitura da História Pátria, bem como o modo de compreender a civilização europeia como um todo. Assim, Carlos Eduardo de Soveral sedimentou ao longo da sua extensa obra uma teoria da História, perspectivada num sentido por vezes teleológico, com aproximações e similitudes ao trabalho que Joaquim

² Acerca de intelectuais que viveram perigosamente sob o signo da pena e da espada, consultar o texto de Duarte Branquinho intitulado *Pena e Espada*, publicado no semanário *O Diabo* de 3 de Julho de 2013, pág. 23.

³ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1963. Pág. 7.

Domingues⁴ de forma tão notável tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos. De resto, este é um ponto que importa fundamentar de modo a percebermos a sua cosmologia histórica, na qual se integra o ciclo de nascimento e afirmação de Portugal.

Em *História, Historiografia e Historiologia*, um estudo originalmente publicado em 1966, Carlos Eduardo de Soveral rejeita a ideia simplista de História enquanto elemento designador do drama vivido pela humanidade, ou como mero conhecimento específico do mesmo.⁵ Segundo ele, História é antes de tudo «um conceito que se situa do lado do conhecimento e do espírito»⁶, «o processo da existência humana através dos tempos»⁷ e «uma complexa evolução ao longo das dimensões, que no tempo distinguimos, de passado, presente e futuro.»⁸ Em resumo, «o processo do que o homem faz ou lhe acontece no leito do tempo»⁹ e do qual podemos extrair as mais diversas leituras e interpretações, levando-nos à definição de um outro conceito – a historiografia.

Para Carlos Eduardo de Soveral a historiografia apresenta-se como «uma elaboração literária da realidade»¹⁰, compreendida como o mero registo, simples memorização, ou a mais elaborada interpretação das realidades consideradas. Não tendo um fim em si mesma, esta actividade congrega diferentes géneros, associados a olhares e perspectivas completamente distintos entre si, mas totalmente influenciados pelo modo de olhar, ver e sentir de quem dela se ocupa.

De resto, no prefácio de uma outra obra – *De Ontem e de Hoje* –, António José de Brito lamentou o facto do autor, seu amigo, camarada e colega, não ter publicado na íntegra as suas lições sobre esta temática, ficando por analisar com uma maior profundidade o conceito de historiologia. Nesse mesmo texto, o filósofo portuense constata ainda o historicismo de Carlos Eduardo de Soveral, apontando-o como um factor determinante para a sua aproximação ao problema das origens, evidenciando as suas qualidades na análise da

⁴ Ver: DOMINGUES, Joaquim – *De Ourique ao Quinto Império: Para uma Filosofia da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Maio de 2002.

⁵ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 7.

⁶ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 16.

⁷ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 19.

⁸ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 20.

⁹ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 20.

¹⁰ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia...* Pág. 21.

Mitografia, conforme o plasmado em ensaios como *Jasão e Medeia*, *Mito*, *Tragédia e História*, *Loki e Baldr*.¹¹

Neste campo, uma vez mais em unísono com o nosso grande mitólogo Eudoro de Sousa, Carlos Eduardo de Soveral integrou a tradição e identidade portuguesas na árvore genealógica da grande família europeia e indo-europeia. Para ele, a demanda por esse elo levava-o, obrigatoriamente, a percorrer os mais diversos trilhos do conhecimento e da grande aventura humana empreendida ao longo de milénios pela civilização ocidental. Começando pela poesia – essa transcrição do cantar criador dos deuses –, a mitologia, os livros sagrados da civilização ocidental, a religião, a filosofia, a literatura, a história, a arte, entre outros aspectos pormenorizadamente analisados nas suas respectivas correlações, dispostas ao longo de toda a sua obra. Essa relação fenomenológica entre o conhecimento e o espírito, casando o tempo histórico com o anistórico, origina um encontro entre o plano concreto e mito-religioso. É neste contexto que Carlos Eduardo de Soveral integra, por exemplo, a nossa grande epopeia marítima, agregada ao fenómeno da Expansão Portuguesa, num misto de prolongamento e de eterno retorno ao espírito mítico-trágico europeu, encerrado em obras clássicas como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero. A sua defesa do homem tradicional, empreendida numa clara oposição à concepção do homem moderno, exalava por consequência a natureza anti-moderna do seu pensamento, assente em duas grandes pedras angulares. Politicamente, numa primeira fase do Integralismo Lusitano, recuperando a noção de monarquia tradicional, antagonista do ideal liberal, posteriormente pontificado pelo advento maçónico-republicano; do ponto de vista filosófico e sócio-antropológico, a sua análise do *ethos* cultural do indo-europeu integrava-se em pleno no espírito do grupo Eranos¹², em particular na linha de autores como Mircea Eliade, Karl Kerényi, ou Georges Dumézil, com quem aliás se correspondeu, dedicando-lhe alguns dos seus trabalhos.

Mircea Eliade, no seu célebre diário português, escrito entre nós durante os anos de exílio – entre 1941 e 1945 –, definiu da seguinte forma um dos

¹¹ BRITO, António José de – *Prefácio*. In SOVERAL, Carlos Eduardo de – *De Ontem e de Hoje: Quatro Prólogos*. Lisboa: Hugin, Setembro de 2000. Pág. 10.

¹² Acerca do grupo Eranos consultar: HAKL, Hans Thomas – *Eranos: An Alternative Intellectual History of the Twentieth Century*. Sheffield: Equinox Publishing Ltd., 2013.

principais objectivos do seu trabalho: «*Quero validar do ponto de vista científico o sentido metafísico da vida arcaica: ou seja, convencer os sociólogos, os comparatistas, os etnógrafos e os folcloristas de que os seus estudos só encontram um sentido se valorizarem devidamente, se entenderem tal como ele é, o homem das culturas tradicionais. Acho que só assim as ciências etno-históricas podem sair do beco ridículo em que se encontram.*»¹³ Ora, tal testemunho poderia ter-nos sido deixado por Carlos Eduardo de Soveral, dada a sua preocupação em compreender e salvar a História através do símbolo, do mito e do rito, numa clara perspetivação arquetípica. O seu posicionamento fica, nesta matéria, longe da simplista aceitação positivista e materialista da História enquanto valor absoluto.

Tal como Ortega y Gasset considerou Eliade, simultaneamente, um filósofo místico e cientista marcado pelo signo de Orfeu, também Carlos Eduardo de Soveral poderá ser considerado um filósofo e cientista orfeizante, tal como o foram António Quadros, ou Dalila Pereira da Costa. Todos eles, obreiros de um “cavalo de Tróia” introduzido no campo cultural e académico, com a missão de pôr cobro a uma “Guerra de Tróia”, há muito estabelecida entre ciência, filosofia e religião.

Explica-se deste modo a sua leitura supra-histórica e espiritual d’*Os Lusíadas*, arredando a obra do campo meramente poético-literário. Como tão bem notou António Telmo na introdução ao seu texto *Desembarque dos Maniqueus na Ilha de Camões*, seria praticamente impossível, antes de Sampaio Bruno, aceitar-se uma leitura cifrada e alternativa d’*Os Lusíadas*.¹⁴ Mas onde Sampaio Bruno e grande parte dos seus discípulos forçaram a fractura entre a nossa tradição católica e a mensagem, espírito e natureza desta obra-prima da literatura mundial, Carlos Eduardo de Soveral harmonizou-a. Conforme vimos, o tempo português sucede às idades anteriores, abraçando-as uma perspectiva cíclica da História, com início num passado mítico ao qual religamos o nosso próprio passado, presente e futuro histórico, sendo Luís Vaz de Camões o retransmissor e principal sintetizador de toda a cultura portuguesa, revelando as suas raízes e

¹³ ELIADE, Mircea – *Diário Português (1941-1945)*. Lisboa: Guerra & Paz, Fevereiro de 2008. Pág. 151.

¹⁴ TELMO, António – *O Mistério de Portugal na História e n’Os Lusíadas*. Lisboa: Ésquilo, Abril de 2004. Pág. 167.

apontando o seu destino e missão. Não deixa de ser curiosa a associação que Carlos Eduardo de Soveral faz deste problema com a questão central do Amor, associando Camões a uma linhagem de génios literários latinos, dos quais destaca, ao lado do português, os nomes de Virgílio e Dante.¹⁵

Esta noção de Amor, teleologicamente interpretada à luz do seu pensamento, remete-nos para o sentido de missão dos povos e seu respectivo cumprimento, num acto viril de preservação identitária. No caso específico português, o Amor surge potencializado pela Expansão Portuguesa, numa clara demonstração de sobrevivência, honra e respeito pelos antepassados. Lembramos que, tal como acontecia com as grandes potências seminais da antiguidade clássica, responsáveis pelo moldar da civilização ocidental, a defesa do nosso corpo pátrio foi sempre exercida fora do nosso território, sobretudo no além-mar, através de um esforço civilizador semelhante, por exemplo, ao dos antigos gregos. Foi a negação dessa evidência histórica, cultural e geoestratégica que nos relegou para a nossa actual condição de protectorado, assim que o império se desfez.

Para Carlos Eduardo de Soveral, Camões encarna por todas as razões e sentidos o nosso principal exemplo de homem colectivo, vendo nele um interlocutor entre o nosso passado e futuro, a nossa missão histórica e espiritual, e o nosso desígnio cultural e civilizacional. Comparando a sua virilidade ao Eros fecundador impregnado no espírito da Expansão Portuguesa, constata a paixão de Luís Vaz de Camões pelo eterno feminino, considerando-o «*um amante da mulher concreta, ou das mulheres que ele demandou e encontrou na Europa, em África, na Ásia.*»¹⁶ Carlos Eduardo de Soveral associa as qualidades viris do nosso poeta à própria «*vocação ou chamamento*»¹⁷ do homem português, lamentando que alguém assim, «*superlativamente amplo, vários, subtil, vigoroso, ousado e de tudo sabedor*»¹⁸ tenha sido «*um incompreendido, um invejado, um malsinado dos homens e da Fortuna, um isolado essencial.*»¹⁹

O célebre episódio da Ilha dos Amores, cantado por Camões no Canto IX d'*Os Lusíadas*, encontra-se, segundo Carlos Eduardo de Soveral,

¹⁵ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Ao Ritmo da Europa*. Lisboa: Verbo, 1962. Pág. 248.

¹⁶ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 44.

¹⁷ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 44.

¹⁸ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 45.

¹⁹ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 45.

intrinsecamente associado ao Brasil. De acordo com as reflexões e cogitações expostas em *Da Lusa Tensão de Amor com a Terra Brasileira*, essa passagem reflecte a existência de uma sexualidade metafísica associada à Expansão Portuguesa, revelada em particular no caso concreto do Brasil – a grande criação do homem português. As descrições da chegada dos portugueses ao território que viria a tornar-se o Brasil, sejam elas alegóricas ou materiais, deixam transparecer em Carlos Eduardo de Soveral uma importância colossal para História de Portugal e da nossa respectiva cultura.

Ao inteirarmo-nos da sua produção camonianiana sentimos facilmente prevalecer a ideia de um Brasil gerado pelo génio criativo de Camões, sobre a própria descoberta histórica do território por Pedro Álvares Cabral. Em qualquer um dos casos, seja pela visão simbólico-mitológica, ou pelo olhar histórico-cultural, Carlos Eduardo de Soveral apresenta-nos a ideia de um Brasil exclusivamente português. Apossando-se da máxima de Ortega y Gasset segundo a qual a «*história é tudo quanto acontece ao homem e às suas criações*»²⁰, afirma com toda a veemência e segurança que «*não há história do Brasil antes da chegada dos Portugueses à costa sul-americana. E nem sequer o Brasil como denominação. Este, como coisa cultural, historiográfica e, do mesmo passo, histórica, constitui gesto português, na história portuguesa compreendido e de todo o seu conjunto dependendo.*»²¹

Efectivamente, foi a *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, datada de 1 de Maio de 1500, que colocou o Brasil nos anais da História²², enquanto parte integrante da História de Portugal. Conforme afirmou Carlos Eduardo de Soveral: «*O que, de facto, se passa no século XVI por sobre os maravilhosos páramos a que a presença portuguesa deu o nome de Terra de Vera Cruz, e, depois, Brasil, é história portuguesa a esses páramos levada e neles promovida. Levada e promovida numa região do mundo onde, pela distinção atrás formulada, não há história antes da chegada nossa, e só por obra e graça de tal chegada passa ela, história, a processar-se.*»²³ Conforme recorda o autor, sem qualquer tipo de prejuízo étnico-racial pelas sociedades arcaicas que habitavam o território, «*só*

²⁰ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 59.

²¹ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 59.

²² SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 61.

²³ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Págs. 59-60.

é histórico o que se contém nos processos da história geral»²⁴, tal como «só é histórico o que encontra expressão na historiografia»²⁵, por outras palavras, «só há história quando há historiografia.»²⁶

De facto, o Brasil representa segundo este olhar a maior criação nascida do movimento de Expansão e Descobrimientos Portugueses, estando para Portugal, como a Europa está para a antiga Grécia. Segundo esta concepção, a criação do Brasil, enquanto território compreendido à escala continental, resulta em algo semelhante à forja da civilização ocidental pelos antigos gregos. Contudo, a similitude entre obra e criador face ao Brasil e Portugal é muito maior do que aquela que encontramos entre a Europa e a Grécia antiga. Desde logo, devido à questão da língua, elemento unificador e transmissor de cultura, mas essencialmente por via da manutenção da presença portuguesa no território, por via do enraizamento pelo sangue. Não deixa por isso de ser curiosa a associação feita por Carlos Eduardo de Soveral entre o enamoramento de Portugal com o Brasil e o mítico relacionamento entre o escultor Pigmaleão e Galateia, a sua mais bela criação, pela qual se apaixona, pedindo aos deuses que lhe concedessem a oportunidade de consumir o seu amor.²⁷

Não obstante, onde Carlos Eduardo de Soveral, justificadamente, colocou a tónica do Amor, associando a chegada dos portugueses ao Brasil a um ingresso na Ilha dos Amores como recompensa pelo cumprimento do dever pátrio, outros cedem à mentira, ao delírio e à vontade de fama fácil, evocando até a pretensa natureza genocida do povo português que, note-se, só até à morte do Padre António Vieira, teria sido responsável pela morte de quatro milhões de índios. Porém, desmistificando os mitos modernos impostos pela sinarquia, Carlos Eduardo de Soveral relembra a natureza criadora da presença portuguesa em território brasílico, afirmando: *«Outros passaram que não sentiram, não auscultaram, não viveram como o Português a grandeza da Terra e das Gentes Brasileiras. Em nós havia, desde o outro lado do tempo, como uma predestinação ou a mesma harmonia preestabelecida entre aquilo que somos e aquilo que descobrimos e logo connosco assimilávamos. Havia uma vocação*

²⁴ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 59.

²⁵ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 59.

²⁶ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 59.

²⁷ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Pág. 60.

*arcana e misteriosa, um carisma depositado no mais abissal do nosso ser comum. E, então, sim que se entende luminosamente essa estupenda literatura, entre viajeira, etnográfica, confessional, administrativa, política, e sem mudança amorosa, que logo ao princípio se afirma – e de que modo! – em Pêro Vaz de Caminha.»*²⁸ Tornava-se deste modo impossível para este pensador não considerar o Brasil e a cultura brasileira como uma projecção, ou extensão da cultura lusíada.

Porém, o Portugal de Carlos Eduardo de Soveral encontrava-se há muito desfasado do seu passado e da sua missão. Partindo do postulado cronístico queirosiano²⁹, Carlos Eduardo de Soveral revelou uma profunda consciência política e social, alertando no seu texto *Da Lusa Inconveniência*³⁰, publicado em 2004, para o destino a que Pátria há muito lhe parecia condenada. Sublinhou a forma como a sociedade portuguesa perdeu a inteligência e a consciência moral, dissolvendo, abastardando e corrompendo os seus costumes. Acusou os homens públicos de caírem na desgraça e desonestidade, condenando as suas vidas que tomam por única direcção a mera conveniência. Criticou o modo como a classe média se deixou vencer pela imbecilidade e pela inércia. Chocou-se com o empobrecimento generalizado dos portugueses, obrigados a um êxodo que ainda hoje nos afecta. Indignou-se com a ruína dos serviços públicos e da economia nacional. O crescente desprezo pelas ideias, a indiferença e o acaso, aliado à estagnação espiritual e intelectual angustiavam-no, bem como o envelhecimento de uma mocidade invadida pelo niilismo e o tédio. Preocupações que, diríamos, se mantêm hoje na hora do dia.

Assim, parafraseando Drieu la Rochelle, resta-nos concluir que para Carlos Eduardo de Soveral viver foi, antes de mais, comprometer-se. Fê-lo sem reservas, indiferente aos riscos que enfrentava. Por isso mesmo, após o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 «*sofreu na carne os tormentos e agruras do exílio*»³¹ conforme tão bem recordou António José de Brito. Uma breve passagem pela Galiza, seguida de onze anos de exílio em Pretória, onde se tornou funcionário dos correios sul-africanos, a fim de assegurar a sua

²⁸ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos...* Págs. 60-61.

²⁹ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Sete Relances: Para uma Antropologia Cultural da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Hugin, Março de 2004. Pág. 240.

³⁰ SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Sete Relances...* Págs. 221-274.

³¹ BRITO, António José de – *Prefácio...* Pág. 13.

sobrevivência e da sua família, foi o preço a pagar pelo combate contra todos aqueles que denominam caluniosamente figuras ímpares da gesta lusíada, como Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Afonso e Mouzinho de Albuquerque, de “assassinos” e “inimigos do povo”.

Sete anos passados desde o seu desaparecimento, ocorrido em Agosto 2007, resta-nos hoje apelar à igualdade e reconciliação. Igualdade no que toca ao tratamento e estudo da sua obra face a outros autores e pensadores portugueses; reconciliação no que concerne a uma Universidade que, por certo, teria mais a ganhar com a preservação e manutenção da memória de tão ilustre mestre. Até lá, conforme escreveu António Telmo: «*As formas do nosso verídico imaginar ficarão à espera de que os tempos se cumpram para se incorporarem numa nova humanidade de que não participarão só os vivos de então, mas também todos os mortos do presente e do passado que não podem ter vivido em vão.*»³²

Bibliografia

DOMINGUES, Joaquim – *De Ourique ao Quinto Império: Para uma Filosofia da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Maio de 2002.

ELIADE, Mircea – *Diário Português (1941-1945)*. Lisboa: Guerra & Paz, Fevereiro de 2008.

HAKL, Hans Thomas – *Eranos: An Alternative Intellectual History of the Twentieth Century*. Sheffield: Equinox Publishing Ltd., 2013.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Ao Ritmo da Europa*. Lisboa: Verbo, 1962.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *De Ontem e de Hoje: Quatro Prólogos*. Lisboa: Hugin, Setembro de 2000.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Dois Excursos Camonianos e Duas Notas Lusíadas*. Lisboa: Hugin, Novembro de 2002.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *História, Historiografia e Historiologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1963.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Prolegómenos no âmbito de algumas ciências do homem*. Porto: Edição de Autor, 1973.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Sete Relances: Para uma Antropologia Cultural da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Hugin, Março de 2004.

SOVERAL, Carlos Eduardo de – *Visão Indo-Europeia ou Afã de Entender*. Lisboa: Hugin, Abril de 2001.

³² TELMO, António – *O Portugal de António Telmo (Org. Rodrigo Sobral Cunha, Renato Epifânio e Pedro Sinde)*. Lisboa: Guimarães, Julho de 2010. Pág. 164.

TELMO, António – *O Mistério de Portugal na História e n'Os Lusíadas*. Lisboa: Ésquilo, Abril de 2004.

TELMO, António – *O Portugal de António Telmo* (Org. Rodrigo Sobral Cunha, Renato Epifânio e Pedro Sinde). Lisboa: Guimarães, Julho de 2010.